1. Introdução

Os problemas relacionados com a indisciplina vêm se manifestando cada vez mais freqüentemente nas escolas, tornando-se um grande obstáculo ao trabalho dos professores e ao desempenho dos alunos.

Fala-se muito que o aluno de hoje não é mais o mesmo de algum tempo atrás, que não existe mais o respeito à figura do professor e ao papel da escola.

Isso realmente é fato, a escola não é um espaço neutro e isolado do mundo que a cerca. Se tantas mudanças sociais e tecnológicas ocorreram nos últimos tempos é impossível fingir que a escola não sentiu tudo isso e que o aluno que freqüenta os espaços escolares hoje não reflete essas mudanças. Como então pode-se querer que um indivíduo que vive num mundo cheio de novidades possa ser tratado como um sujeito que não vivencia essas mudanças.

Diante de todas essas mudanças aparece a figura do professor que gostaria de poder passar por tudo isso de forma tranqüila, realizando seu trabalho, tendo sucesso e sendo muito feliz, com alunos que aceitam tudo, respeitam normas e aprendem tudo que lhes é ensinado. Isto seria perfeito, mas aí aparecem os problemas e muitos não sabem como enfrentá-los.

Os problemas de indisciplina fazem parte da vida na escola e é necessário enfrentá-los com responsabilidade. Muitos dos envolvidos nesses problemas gostariam de receitas prontas porque não sabem como agir diante de determinadas situações.

Muito tempo é perdido tentando encontrar culpados e inocentes e na maioria das vezes não se chega a resultado algum e os casos vão sendo esquecidos ou os envolvidos vão “ficando pelo caminho”, através de reprovações, ou são punidos de alguma forma. Mas aí surgem outros e os problemas continuam. São resolvidos paliativamente quando aparecem, causando angústia, desconforto e sensação de fracasso em alunos, pais, professores, pedagogos e demais envolvidos.

Isso precisa mudar, é fundamental reconhecer que o tema precisa ser pensado como uma das questões principais dentro das escolas. A indisciplina

deve ser entendida como um sinal de que algo precisa ser modificado, os conflitos podem ser uma oportunidade de mudanças.

É preciso deixar de lado a idéia de que os problemas de indisciplina não têm solução e que são frutos da realidade atual, não se pode esperar que os casos aconteçam para tomar uma atitude de enfrentamento, não se pode aceitar que alunos em conflito sejam deixados de lado e vão sendo condenados ao fracasso, por não estarem apresentando um comportamento adequado aos padrões de uma sociedade tradicional e discriminatória. Também não se pode jogar a culpa no professor e esperar que ele resolva sozinho tudo que acontecer.

O tema indisciplina precisa ser definitivamente encarado como parte do processo ensino_aprendizagem. Seria muito bom abrir livros e encontrar receitas prontas, soluções mágicas que resolveriam todos os problemas. Isto é impossível, este caderno não tem a pretensão de acabar com os casos de indisciplina e com os conflitos. O que pretende-se através dele é apontar caminhos.

Tudo que será aqui apresentado é fruto de estudos e de experiências pessoais e coletivas no trabalho concreto com o tema.

O primeiro tema tratará sobre a interferência que os casos de indisciplina provocam no cotidiano da escola, procurando mostrar como alunos, professores e demais envolvidos são afetados diretamente por esses problemas.

O segundo tema falará sobre a importância do trabalho do professor, envolvendo métodos e conteúdos específicos e como eles podem ter relação direta com o clima na sala de aula.

O terceiro tema fará uma análise sucinta das relações interpessoais dentro da escola.

O quarto tema apresentará formas de tratar a indisciplina de forma preventiva através de Contratos pedagógicos e Assembléias de Classe.

No quinto tema serão apresentados alguns modelos de metodologias utilizadas para intervir nos casos de indisciplina.

Todos os caminhos aqui apontados e todos os temas tratados precisam levar em conta particularidades de contextos, de pessoas envolvidas para que possam ter o resultado pretendido.

O objetivo principal deste caderno é contribuir para a melhoria das relações dentro do meio escolar e possibilitar que o sucesso seja alcançado por todos que dele fazem parte.

Tudo que aqui será discutido faz de parte de um processo e os resultados poderão ser avaliados ao longo do tempo, onde poderão ser verificadas as mudanças necessárias para o seu aprimoramento.

2. Como a indisciplina interfere no Ambiente Escolar

Se fizermos uma linha do tempo sobre disciplina, poderemos observar que há muito tempo existem situações que ocorrem na sociedade e na escola que se referem a este tema.

Se considerarmos a evolução histórica perceberemos que o indivíduo de hoje, difere em muito do indivíduo de 500 anos atrás.

As mudanças tecnológicas têm influência direta no modo de ser das pessoas, na escola isso não é diferente. O aluno que obedecia tudo que lhe era imposto, muitas vezes sem nem saber por que, já não existe.

A diversidade de indivíduos que atuam no ambiente escolar influencia diretamente nas relações que nela se estabelecem. A manutenção da ordem esbarra em enormes obstáculos. Todos concordam que é fundamental um clima de harmonia dentro da escola e que sem organização nada funciona bem. Marchesi (2006, p.79), comenta: "Os comportamentos anti-sociais ou violentos de determinados alunos tornam muito difícil manter um clima de convivência na escola e nas aulas que facilite a aprendizagem dos alunos."

Para que haja aprendizagem efetiva em sala de aula é preciso que o ambiente esteja organizado, onde todos possam exercer seu papel adequadamente. Num ambiente tumultuado, onde ninguém se entende torna-se praticamente impossível a troca de experiências, o envolvimento, a atenção, aspectos fundamentais para a aprendizagem significativa.

A interferência da indisciplina no cotidiano escolar é sentida por todos que atuam dentro desse ambiente, principalmente pelo professor. Quando os problemas de indisciplina vão aumentando e o professor vai perdendo o controle sobre eles começa a não ter mais vontade de ir para a escola, começa a sentir-se mal física e psicologicamente, fica irritado por coisas simples, vai perdendo a vontade e o prazer que tinha de ensinar, não consegue mais interagir com os alunos.

Em suas aulas o tempo gasto para manter a disciplina vai tornando-se cada vez maior, o desgaste provocado por tudo isso vai tornando mais difícil o seu trabalho e comprometendo seu desempenho, afetando o trabalho com os alunos.

Os alunos, por sua vez também são afetados, mesmo aqueles que não apresentam problemas acabam sendo envolvidos, por generalizações feitas pelo professor desgastado, ou por acabarem sendo culpados pelos mais “espertos”.

O problema vai tornando-se um círculo vicioso, onde ainda estão envolvidos os pais, os problemas sociais, os outros membros da escola.

É fundamental ter consciência do problema e enfrentá-lo, não deixar que vá acontecendo e ver no que vai dar.

Os problemas na maioria das vezes são causados por alguns alunos e ocorrem com determinados professores, não se pode deixar de lado aqueles que estão agindo acertadamente. Segundo Marchesi (2006, p. 87):

Os alunos com problemas afetivos ou de conduta se sentem habitualmente desprestigiados, feridos pelos outros. Por essa razão, é difícil para eles manter relações sociais positivas com os demais, confiar, assumir ponto de vista, sentir empatia.

Esses alunos acabam gerando indisciplina para chamar atenção para si, como se fosse um pedido de socorro para alguém.

Essas atitudes não são compreendidas, porque já se está num clima de desordem e acabam sendo vistas como rebeldia, enfrentamento, desacato.

É preciso compreender que a sala de aula é um local onde existem relações pessoais, além de ensino e aprendizagem. É impossível seguir aquela antiga regra de deixar para fora todos os problemas quando pisar na escola.

Alunos, professores e demais pessoas que atuam na escola, tem suas histórias, experiências, conflitos, emoções.

É primordial entender que o professor é o ponto de referência para seus alunos e todas as suas atitudes afetam diretamente o clima que se estabelece na escola.

Segundo Marchesi (2006, p.94): “Sua maneira de se comunicar, de organizar o trabalho na aula, de atender e avaliar seus alunos vai ter uma indubitável repercussão sobre eles”.

O professor precisa trabalhar com o aluno concreto, real e entender que os problemas de disciplina interferem diretamente em seu trabalho.

O aluno também precisa estar consciente de que a escola é um local onde existem normas e pessoas a serem respeitadas. Todos os envolvidos precisam conhecer o seu cotidiano e agir sobre ele. Não se podem buscar soluções mágicas, mas é preciso tomar iniciativas, gerir os conflitos, já que eles interferem no sucesso ou fracasso de alunos e professores.

É fundamental não desistir e estar preparado para os problemas que com certeza irão surgir, ficar procurando culpados só vai piorar a situação. É preciso procurar soluções conjuntas com os alunos, com os pais, com os colegas, já que os problemas interferem no cotidiano de todos. Quando se resolve encarar que existe um problema, já é o primeiro passo para a sua solução.

É impossível realizar um trabalho de qualidade onde não existe respeito mútuo entre os envolvidos, onde apenas parte do grupo atinge uma educação de qualidade e é capaz de participar das transformações da sociedade a qual faz parte.

Carvalho (1996, p.138), destaca a importância de criar formas próprias de enfrentar os casos de indisciplina:

O trabalho do professor não é o de fixar, através de certas receitas, comportamentos invariáveis, mas o de criar, segundo seus objetivos e as características daquilo que ensina, disciplinas e métodos de ação e pensamento que consideramos valiosos.

O professor precisa buscar formas de enfrentar os problemas que estão interferindo no seu trabalho, não pode aceitar que apenas alguns alunos participem do processo educativo, precisa aproveitar a riqueza que a diversidade de seus alunos oferece. Não pode, por outro lado, ser desrespeitado em sua profissão, deve mostrar seu valor e valorizar a todos.

Quando alguém expressa uma opinião contrária a de alguém, muitas vezes está desafiando o outro a mostrar o que sabe. O aluno indisciplinado normalmente quer apenas contestar, mostrar que sabe mais a respeito de determinado assunto, o professor pode aproveitar o potencial desse aluno, mesmo que não simpatize com o mesmo.

É primordial entender que a indisciplina faz parte da realidade escolar e querendo ou não afeta o trabalho e o cotidiano de todos. Como vem se

discutindo nesse trabalho o fundamental é enfrentá-la de forma responsável, sem esperar que o tempo volte atrás e a passividade reine absoluta em sala de aula, a diversidade é cada vez maior, é preciso fazer dela um campo rico de construção onde todos podem manifestar-se e contribuir para a melhoria da sua vida e da sociedade, atuando sobre ela e não apenas sendo um expectador daqueles que usam o poder em benefício próprio.

A prevenção é o caminho mais curto e eficaz para que os efeitos dos casos de indisciplina sejam amenizados, assim a disciplina passará a ser uma aliada no processo de aprendizagem e não uma barreira a mais para que ele se efetive.

3. A importância do trabalho do professor nos casos de indisciplina

Poucos campos de trabalho impõem tanta responsabilidade aos envolvidos como a área educacional. Injustamente o professor é o culpado de tudo, ou por outro lado quando há o sucesso o único responsável também é ele.

Muito se fala, inclusive neste trabalho, sobre como as mudanças sociais refletem-se na escola, mas sem dúvida na escola de ontem ou na de hoje o protagonista é o professor, e mesmo que muitas vezes exija-se demais dele sua importância e responsabilidade são inegáveis.

Sabemos que a indisciplina não é um problema isolado em unidades (professor/aluno/escola). Seria muito fácil eleger um culpado e a ele delegar toda a responsabilidade de resolver o problema.

É certo que a escola mudou, o aluno mudou e o professor precisa acompanhar essas mudanças. É difícil reconhecer que os professores também são produtores da indisciplina, mesmo que inconscientemente. A maioria dos professores preocupa-se com a indisciplina e costuma colocá-la como uma das maiores dificuldades que encontra em seu campo de atuação, mas não toma atitudes de prevenção, apenas de punição.

Segundo Marchesi (2006, p.98):

É preciso estar preparado para ensinar aos alunos com problemas de comportamento na escola. Uma preparação que vai se adquirindo por meio de reflexão sobre os fatos que ocorrem na sala de aula, por meio de intercâmbio de opiniões com os colegas e com a busca de soluções que se comprovaram úteis em outras situações.

O professor precisa entender e assumir a responsabilidade pela disciplina em sua turma, claro que não fará isso sozinho e os problemas serão resolvidos imediatamente. Porém o professor é sem dúvida o que melhor conhece o problema que enfrenta. Ao encará-lo com calma, refletindo porque ele está ocorrendo, fazendo uma análise crítica do seu trabalho estará começando a resolvê-lo.

Mesmo que a escola possua projetos sobre o tema, pessoas que atuam nele, o problema real é sentido pelo professor quando ele fecha a porta de sua sala e encara seus alunos, sabe que ali poderá encontrar vários tipos de

pessoas e vários tipos de problemas e aí nessa hora é ele quem vai decidir o que fazer e de sua decisão poderá surgir o sucesso ou fracasso.

Nessa hora ele precisa decidir se quer que os alunos sejam seus parceiros ou seus adversários, testando sua autoridade ou seu autoritarismo. Esses minutos podem tornar-se intermináveis, angustiantes dependendo do clima que se estabelece, por isso o professor precisa estar preparado emocionalmente, além de ter bem planejado o que pretende trabalhar.

Esse preparo não é simples, depende de experiência, controle de emoções, segurança profissional. É difícil administrar um conflito porque ele surge de repente por diversos motivos, envolve pessoas diferentes, cada uma com sua razão, é nessa hora que o professor precisa mostrar a sua maturidade, não pode jamais perder a calma diante dos alunos, muitas vezes é isso que os alunos pretendem, testam os professores, querem descobrir seu ponto fraco para aproveitar-se disso em benefício próprio.

Um professor que perde a calma diante dos alunos, que demonstra raiva, dificilmente conseguirá o respeito de seus alunos. Não há receitas para esse tipo de situação, cada realidade é uma, cada momento é diferente.

É preciso manter-se preparado para essas situações, procurar antecipar os conflitos, muitas vezes os alunos vão dando pistas de que algo vai acontecer. É preciso observar essas pistas, comentar com colegas para verificar se eles percebem o problema da mesma forma, muitas vezes não querer se envolver acaba piorando a situação, estar preparado pode ser útil.

É claro que às vezes essa preparação não tem efeito algum dependendo dos problemas que o professor também enfrenta, dependendo de sua personalidade e de suas experiências anteriores. Pensar sobre o problema depois que ele ocorreu também pode ajudar o professor a rever o que falhou, o que deu certo, isso poderá ser muito útil em situações futuras. Segundo Aquino (1996, p.40): “Os relatos dos professores testemunham que a questão disciplinar é atualmente uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar”.

Se a disciplina é um dos maiores problemas da escola atualmente é preciso definitivamente enfrentá-la. O professor não é o único responsável, mas é imprescindível que ele demonstre sua autoridade. Sem autoridade não se faz educação. Não autoridade em disputar quem manda mais ou quem pode

mais, mas autoridade para impor sua posição de líder, de articulador, organizador. O educador é o adulto do processo e a ele cabe conduzir a aprendizagem.

Nunca pode se perder de foco a organização da sala de aula. Os alunos indisciplinados, mesmo nos momentos mais calmos, não devem ser deixados de lado, é preciso estar se relacionando com eles o tempo todo, não apenas quando apresentam problemas. Os aspectos positivos precisam ser enfatizados, devem se encorajar os seus progressos, procurando assim que eles consigam melhorar sua auto-estima o que proporcionará uma interação entre aluno e professor possibilitando a conquista desses alunos.

Os casos de indisciplina que ocorrem devem ser tratados em particular, não repreender os alunos em grupo como se todos fossem responsáveis pelo problema, perdendo a confiança daqueles que cumprem as normas. Evitar fazer comentários desnecessários sobre roupas, família, relacionamentos. Esses assuntos não cabem ao professor, buscar manter-se nos conteúdos de sua área e trabalhá-los de forma eficaz e organizada. Aquino (1996, p.50), ressalta a importância da relação professor-aluno: “A saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira que nos posicionamos perante o nosso outro complementar”.

A escola faz parte de um contexto onde existem inúmeras relações, o aluno não é um ser passivo, ele é ator e cúmplice da sua aprendizagem, o professor é o condutor dessas ações.

Muitas vezes o professor sem perceber também é responsável pela indisciplina produzida em sala de aula. Isso acontece quando o professor não se envolve diretamente com o planejamento das atividades, dos mecanismos, das metodologias a serem utilizadas, é preciso levar em conta que situações adversas irão ocorrer e será necessário enfrentá-las.

A disciplina em sala de aula deve envolver três tipos de ações:

- ✓ Planejamento;
- ✓ Ajuste ao ambiente a que se destinam;
- ✓ Intervenção e resolução de problemas.

Não se pode esperar que tudo que foi planejado vai ocorrer na maior paz e tranquilidade, os obstáculos vão aparecer, cabe ao professor o papel de

mediador e o entendimento de que o trabalho em sala envolve o aluno real, não o ideal. O professor precisa entender que a indisciplina deve ser um tema a ser estudado, pensado, discutido, revisto com os alunos e tem relação direta na maneira com que ele planeja suas aulas. É preciso pensar com clareza os seguintes pontos:

a) Conteúdos Específicos de Cada Área:

Os conteúdos são determinados e precisam ser trabalhados de acordo com diretrizes curriculares estabelecidas, o professor não pode escolher o que deseja ensinar por sua vontade ou afinidade com determinado assunto. O professor não pode simplesmente ser um transmissor de conteúdos. Muitos dos conteúdos trabalhados já estão ultrapassados, as informações e dados repassados aos alunos estão equivocados e já foram alteradas. Outros conteúdos por sua vez não têm sentido algum para as exigências da sociedade atual.

A importância dos conteúdos pode ser observada quando em determinadas aulas como Educação Física e Artes não ocorrem casos de indisciplina. Pensar na aplicabilidade dos conteúdos específicos de sua área é uma das maneiras de começar a se aproximar dos alunos e melhorar o ambiente em sala.

Passos (1996, p.121), destaca a importância de valorizar a realidade do aluno quando afirma que “a possibilidade de perceber e “deixar entrar” na escola uma outra realidade (aquela que os alunos trazem) poderá permitir que habitemos territórios mais amplos, onde os modos de ensinar e aprender sejam determinados pelas relações que acontecem na sala de aula”.

Incluir conteúdos atuais, polêmicos, pode ser enriquecedor e desafiador para alunos e professores. Tudo isso precisa ser investigado e planejado e assim surge a oportunidade de repensar a maneira de trabalhar, o planejamento precisa ser modificado e aí aparece a segunda dimensão do trabalho do professor.

b) Métodos de Trabalho do Professor:

O professor precisa compreender que manter o interesse dos alunos requer um planejamento cuidadoso de atividades e estratégias durante o trabalho com os conteúdos específicos.

Segundo Fernández (2005, p. 58):

O professor e o método de controle utilizado em sala de aula são peças chave para favorecer ou combater os problemas da desordem. Não podemos esquecer que a metodologia, a apresentação das atividades e o seu desenvolvimento também são fatores essenciais para promover a motivação ou a desistência por parte do aluno.

É necessário que o professor procure utilizar diferentes formas de transmitir os conteúdos, utilizando recursos atuais e possibilite ao aluno interagir nas aulas. Se determinado modo de trabalho não está obtendo o resultado esperado é a hora de procurar alternativas, essas alternativas precisam ser estudadas levando-se em conta alguns fatores como: idade dos alunos, características da turma, número de alunos, espaço físico, recursos disponíveis. Segundo Fernández (2005, p. 41), “o professor atua segundo as exigências de cada particular circunstância”.

Procurando ver o que falhou em cada conteúdo e modificando o método de trabalho o professor já conseguirá eliminar parte dos problemas e prevenir outros. A sala de aula pode se tornar um laboratório de grandes experiências coletivas, é preciso que o professor reinvente métodos, use a criatividade para encontrar alternativas.

Se as aulas forem preparadas adotando-se atividades estimulantes e interativas, os alunos perceberão o interesse do professor em tê-los como sujeitos da aprendizagem e não meramente expectadores. Mesmo aqueles que se sentem fracassados ou incapazes, farão o possível para melhorar.

O professor preparado é seguro e confiante e resolve os problemas com calma e firmeza. Os alunos percebem isso e o respeitam e tornando-se parceiros nas relações, nessa parceria os conflitos podem existir, mas havendo a clareza das regras que devem ser seguidas, os conflitos tornam-se uma oportunidade de crescimento sem desgastes e com sucesso e crescimento para todos.

4. Relações interpessoais e suas influências nos casos de disciplina

Todas as relações que ocorrem entre pessoas precisam ser baseadas em respeito mútuo, também assim deve ser nas relações escolares. Marchesi ressalta (2006, p.120): “O complicado mundo dos afetos influi, sem dúvida na ação educadora e avaliadora”.

Educar é uma ação onde muitos indivíduos com inúmeras diferenças atuam no mesmo espaço. Nessa ação é impossível que essas diferenças não se manifestem. Manter uma relação harmoniosa com todos que estão atuando nesse espaço não é uma tarefa fácil.

Essas relações envolvem vários grupos de pessoas, pais, alunos, funcionários, professores. Cada grupo possui suas particularidades, suas opiniões e seus anseios. Administrar tudo isso exige muito trabalho e como todo trabalho exige preparo, organização, regras a serem cumpridas.

Nas relações dentro da escola faz-se necessário destacar alguns pontos fundamentais para que se possa melhor compreender como eles podem influenciar os aspectos disciplinares. São eles:

a) Relação Professor- Professor:

O professor precisa assumir suas responsabilidades nas questões disciplinares, isso já um fato constatado, o sucesso ou insucesso do aluno e do professor pode ter sua base na indisciplina. E os problemas de disciplina afetam todos no ambiente escolar, de forma direta ou indireta.

Ninguém consegue realizar um bom trabalho se não tiver apoio de outras pessoas. Os professores, de maneira geral, enfrentam os mesmos tipos de dificuldades em sala de aula, a melhor forma de enfrentar essas dificuldades é em conjunto com os colegas. Há muito já se diz “a união faz a força”, se os problemas são semelhantes, as soluções podem ser encontradas em conjunto. Marchesi (2006, p.186) destaca a necessidade do esforço compartilhado:

A responsabilidade coletiva sobre a situação dos alunos com problemas escolares exige um esforço compartilhado e sustentado para reduzir drasticamente seu número e conseguir que todos os alunos tenham êxito escolar.

Todos os professores precisam entender que são responsáveis por seus alunos e que precisam trabalhar em conjunto para que os mesmos aprendam e alcancem o objetivo desejado.

Antes de o professor realizar qualquer trabalho com os alunos, precisa haver um consenso entre o seu grupo de trabalho. Não adianta o professor pretender fazer um grande trabalho com seus alunos em relação aos casos de indisciplina, se não tiver o apoio de seus colegas, as decisões tomadas em relação ao que pretende-se estabelecer como normas, regras ou acordos com os alunos, precisam ser resultado do pensamento de todo o grupo de professores. É necessário que haja respeito a individualidade de cada um, as suas características pessoais, seu método de trabalho, sua experiência profissional. Mas também é preciso pensar no bem comum, na coletividade. Onde e como tudo isso poderá contribuir com o grupo. Quais os pontos comuns em relação aos problemas encontrados.

As normas determinadas e decididas com os alunos poderão ser utilizadas por todos, também existirão as regras particulares de cada área e sempre ressaltando que existe o cumprimento das normas legais.

Como ressalta Fernández (2005, p. 37): “a coesão interna do conjunto de professores, a sua vinculação pessoal e o respeito profissional são aspectos primordiais para uma tarefa educadora”.

Todo o sucesso do trabalho com os alunos dependerá do comprometimento de todo o grupo de profissionais da escola.

Muitas vezes as opiniões divergem, mas é necessário entender que quando se trabalha em grupo os envolvidos precisam “falar a mesma língua”. Se um professor aceita determinado comportamento e outro critica esse mesmo comportamento, todo trabalho de conscientização realizado com os alunos será em vão. É primordial que a relação entre os profissionais que atuam na escola seja resultado de um clima de compromisso e confiança que favoreçam as decisões coletivas, é necessário engajar-se na busca de soluções conjuntas para melhorar o ambiente escolar.

Os alunos quando perceberem que os professores estão unidos e trabalham em conjunto terão mais confiança no que lhes é dito. Os professores, por sua vez terão mais força nas suas decisões quando receberem apoio do grupo de colegas.

Isso tudo irá contribuir para a resolução e prevenção dos casos de indisciplina e possibilitará a diminuição do fracasso escolar.

O segundo ponto que se refere às relações interpessoais do professor, é o mais complexo e porque não dizer o mais importante: a relação professor-aluno.

b) Relação Professor-Aluno:

Como já se tem conhecimento quem exerce o papel fundamental nessa relação é o professor, ele é o líder, o principal responsável, o mediador das ações. Precisa tomar consciência que exerce grande influência sobre os alunos, que suas atitudes podem modificar consideravelmente os problemas em classe e ainda que seu principal objetivo precisa ser que os alunos permaneçam na escola e progridam em seus estudos.

Na visão de Aquino (2006, p. 50):

A saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar. Afinal de contas, o lugar do professor é imediatamente relativo ao do aluno, e vice-versa. Vale lembrar que, guardadas as especificidades das atribuições de agente e clientela, ambos são parceiros de um mesmo jogo. E o nosso maior rival é a ignorância, a pouca perplexidade e o conformismo diante do mundo.

É necessário que os educadores busquem uma coerência entre sua conduta e aquela que esperam dos alunos. O professor pode ter um papel enérgico, ativo, desde que respeite seus alunos e tenha responsabilidade em suas ações. O professor não pode criar um conjunto de normas e regras para serem cumpridas por seus alunos pensando que assim seu trabalho será perfeito e irretocável.

Segundo Gotzens (2003, p. 60) “toda norma de comportamento, por mais justificável que seja representa um esforço e, de certo modo, uma limitação para quem deve respeitá-la”.

O professor precisa entender que terá de abrir mão de conceitos enraizados que traz do que é disciplina para poder trabalhar em conjunto com os alunos. As normas e regras sobre disciplina e sua relação com o trabalho pedagógico precisam ser pensadas para o grupo e não apenas para aqueles que apresentam conduta inadequada. E o mais importante

em todas essas reflexões é evitar colocar o indivíduo em situação de fracasso escolar. Seja esse indivíduo aluno ou professor.

Está claro até aqui a importância do professor na prevenção e mediação dos casos de indisciplina e fracasso escolar.

Mas, para que a situação de conflitos e angústias que se vive nas escolas mude realmente, é fundamental que um dos elementos principais esteja diretamente envolvido e disposto a participar das mudanças que precisam acontecer, ou seja, o aluno. É importante que o professor comunique aos alunos o que espera deles, como eles podem contribuir para a melhora do trabalho do grupo e também ouvir o que eles esperam, quais suas maiores angústias e necessidades.

Quando o professor deixa os alunos expressarem seus sentimentos está contribuindo para que se estabeleça um clima de confiança entre ele e o grupo, os alunos sabem que podem conversar com o professor e não deixam de respeitá-lo.

Aquele professor que sabe dialogar, ouvir seus alunos consegue resultados extremamente positivos com seus grupos. O aluno valoriza aquele professor que sabe liderar sem cair no autoritarismo e no permissivismo.

A relação entre professor e aluno depende do clima criado pelo professor, é preciso haver um espaço onde todos possam ser ouvidos.

A comunicação clara das partes possibilitará o melhor direcionamento do trabalho coletivo. É preciso que se entenda que a disciplina é fundamental no trabalho escolar. Quando os alunos perceberem a sua importância certamente os casos de conflito, discussões, interrupções desnecessárias irão diminuindo gradativamente. Sabe-se que qualquer pessoa colabora muito na execução de um plano ou trabalho quando participa de sua construção e planejamento. Com os alunos isso é fato. Não se trata aqui de deixar os alunos decidirem o que querem fazer e o professor aceitar passivamente.

O trabalho é conjunto, mas precisa ficar bem claro que o professor é o seu condutor e que precisa estar sempre fazendo as intervenções necessárias.

Embora seja fato que os fatores sócio-econômicos influenciam nos resultados escolares, não se pode negar que uma relação marcada pela opressão e pelo medo é causa de boa parte dos chamados fracassos escolares.

Na opinião de Fernández (2005, p. 63), o afeto é muito importante nas relações, uma vez que

o afeto e a relação personalizada favorecem a empatia entre professor e aluno, entretanto a carga de responsabilidade e administração do conflito recaem nas costas do professor. Isso produz angústia, ansiedade e frustração por parte de alguns professores, o que acaba se convertendo no denominado “estresse do professor”.

O professor precisa levar seus alunos a entender que a responsabilidade pelos problemas e a alegria pelas realizações é resultado de ações conjuntas. O aluno espera ser considerado como pessoa, precisa entender que é capaz de compreender e assumir responsabilidades.

O professor mais do que ninguém precisa acreditar no valor de sua atuação, o que lhe permitirá descobrir formas de agir que conduzam ao progresso e sucesso pessoal e de seus alunos.

É preciso procurar perceber o que os alunos estão tentando dizer com comportamentos inadequados. O nível de resistência dos alunos pode ser revertido se as soluções forem decididas em conjunto, afinal os problemas afetam todos. Gotzens (2003, p. 55) demonstra a importância de se exporem às dificuldades de cada um:

Dito de uma forma muito simples: uma representação realista por parte do professor de o que pode e o que deve esperar de seus alunos e de cada um deles favorece uma comunicação de expectativas mais estável e fluida que, ao mesmo tempo, redundam em uma atmosfera serena, sem, com isso, deixar de ser estimulante. Ao contrário, as expectativas falsamente exageradas costumam entrar no círculo da contradição e da instabilidade, incompatível com um clima de sala de aula que busca favorecer o desenvolvimento do ensino.

Enfim é preciso ficar claro na relação professor-aluno o papel e a importância de cada um para o efetivo sucesso no trabalho dentro da sala de aula e da escola.

5. Como prevenir a indisciplina através de Contratos Pedagógicos e Assembléias Escolares

a) Contratos Pedagógicos

Fazemos parte de uma sociedade em que existem muitas normas a serem seguidas, existem leis de trânsito, leis de conduta e diversas outras, que quando não são cumpridas recebem a devida punição. Todos os cidadãos procuram cumprir essas leis porque não querem receber as punições que lhes são aplicadas quando as desrespeitam.

Para saber como deve portar-se na sociedade toda pessoa conta com normas escritas na Constituição Federal ou em outras leis estaduais e municipais, portanto todos sabem de seus deveres e direitos. Na escola também existem leis, temos regimentos internos, estatutos. Dentro da sala de aula também precisam existir normas, que muitas vezes não estão claras para todos, como um aluno pode ser cobrado por estar desrespeitando algo que não conhece.

Por isso a importância de se estabelecer contratos pedagógicos com os alunos. O primeiro passo é a elaboração de normas, nesse processo é fundamental contar com a participação dos mesmos nessa elaboração. Os contratos pedagógicos são formas de definir o papel de cada um dentro da escola, Estabelecer contratos significa organizar as rotinas de trabalho (o que será feito e como será feito).

Como diz Fernández (p.84, 1996): “As normas pressupõem um código justo e são alteráveis conforme variam as circunstâncias, as negociações e as necessidades”.

As normas estabelecidas nos contratos podem e devem ser modificadas sempre que houver necessidade, quando houver avanços na convivência da turma, amadurecimento das relações interpessoais ou quando surgirem conflitos que necessitem de adaptações.

Ao criar os contratos pedagógicos o professor não pode pensar somente nas proibições e nas punições que gostaria de aplicar para evitar os casos de indisciplina, tais contratos devem surgir de interesses comuns entre docente e aluno e devem envolver aspectos relevantes do ambiente escolar que tratem das relações entre as partes.

Aquino (2003, p. 67), destaca a importância da concordância dos envolvidos ao elaborar os contratos:

A disciplina escolar, frise-se, não é obtida por meio de regulamentos, e muito menos a partir da ameaça de punição, retaliação, banimento. Ao contrário, ela é resultado tão somente de acordo entre as partes _ acordos pautados numa espécie de compromisso tácito ente elas. Um “acordo de cavalheiros”, costuma-se dizer.

Os contratos escolares terão mais sucesso se forem firmados no início do ano letivo, porque assim estarão contribuindo para a prevenção dos fatos, porém nunca é tarde para que eles aconteçam.

Na opinião de Aquino (2003), ao serem elaborados os contratos precisamos levar em conta alguns aspectos fundamentais, dentre eles: o contexto (turma, idade); as rotinas (horários, espaços disponíveis); as normas legais (estatuto, regimento) e as particularidades de cada disciplina (prazos, formas de avaliação, etc.).

As regras e normas que fazem parte dos contratos precisam ser claras, razoáveis, possíveis de serem cumpridas. Também as sanções devem ser justas:

No entanto, as sanções não podem, jamais, ser tomadas como mecanismos de exclusão compulsória. Ao contrário, as “penalidades” devem portar um caráter inclusivo e sempre de reparação ao andamento acordado pelo grupo-classe (Aquino, 2003, p.75).

As sanções devem ser decididas em conjunto, mas com a supervisão e anuência do professor que possui preparo e autoridade para exercê-las. Devem ser respeitadas tanto quanto às regras. O objetivo primordial dos contratos deve ser o de prevenir os casos de indisciplina e não simplesmente o de prever punições. Deve-se encará-los como estruturador das relações escolares. Também é necessário que estejam sendo modificados quando se detectarem falhas na sua execução ou quando for percebido que algum ponto importante não foi contemplado na sua execução, esse papel de estar sempre reconstruindo cabe ao professor, pois ele é o coordenador dos trabalhos.

Quando o professor oportuniza ao aluno participar como autor do conjunto de normas e regras a serem seguidas em sala está contribuindo para a formação da cidadania, porque está desenvolvendo o senso crítico de seus alunos, está fazendo ele perceber o seu valor e a sua importância .

Para Gotzens (2003, p. 21) “se os próprios alunos aceitam colaborar com o sistema disciplinar da sala de aula, as conotações negativas do termo parecem minorar e se, por conseguinte, aceitam responsabilizar-se por seu controle pessoal, o termo disciplina parece ter purgado todas as suas culpas”.

A disciplina ao ser percebida como fundamental pelos alunos passará a ser um componente indispensável em sala de aula e os próprios alunos, quando necessário estarão lembrando as combinações realizadas. O professor vai perceber o fruto desse trabalho quando for verificando a melhora nos índices de aprendizagem, aproveitamento e colaboração em seu trabalho.

Chega-se ao momento em que os alunos sabem o que fazer e querer fazer, sem que haja a necessidade da supervisão constante do professor.

b) Assembléias Escolares

Podemos definir assembléia como uma reunião de pessoas para determinado fim.

Na escola podem existir vários tipos de Assembléia, de professores, de equipe pedagógica, de funcionários e de classe.

As Assembléias de Classe vão discutir diretamente os problemas que ocorrem dentro da sala de aula, nela serão discutidos os pontos relevantes que interessam ou preocupam o grupo, elas devem ser a oportunidade de cada um expressar individualmente suas opiniões e conhecer as opiniões do grupo, devem servir como momento para decidir mudanças e também comemorar avanços.

Segundo Aquino (2003, p.85,86), as assembléias de classe devem ser organizadas em três momentos:

- *Preparação*: onde serão estabelecidos os temas a serem debatidos.
- *O debate dos temas*, que deve seguir uma ordem para não se perder tempo em debates intermináveis.
- *A aplicação de acordos*, com o objetivo de fazer com que se cumpra na classe o que foi combinado.

As assembléias serão mais um momento fundamental para desenvolver capacidades morais e criar hábitos de vida democráticos.

Todos devem ser convidados a participar das assembléias, mesmo que seja como ouvinte, todos devem ter direito a se manifestar sobre o assunto a ser discutido. As assembléias não devem ser muito longas e deve-se focar nos pontos mais relevantes, não ficar divagando sobre o assunto.

É preciso que as relações democráticas sejam cada vez mais desenvolvidas dentro das escolas para que a resistência e contestação por parte dos alunos tornem-se menos freqüente e os estudantes possam ter respeitadas suas particularidades e singularidades e elevem suas expectativas quanto ao desempenho escolar e socialização.

Certamente quando alunos e professores estiverem do mesmo lado o trabalho dentro da sala de aula será bem mais enriquecedor, agradável e produtivo, É certo que isto não é tão simples, envolve um processo de desconstrução, construção e reconstrução de saberes.

6. Sugestões de Intervenção Pedagógica

Como vimos até aqui o tema indisciplina é causa constante de preocupação entre os educadores, e assim mesmo deve ser. Neste último tema não pretende-se dar um roteiro ou uma solução definitiva para o tema. Pretende-se sim é sugerir ações, baseadas nos autores pesquisados, para contribuir para a resolução desses conflitos.

Nos diversos autores pesquisados existem sugestões de trabalho, principalmente baseadas na construção de regras conjuntas entre os envolvidos, como vimos em temas anteriores.

Alguns autores também sugerem punições severas, o que não é o objetivo deste trabalho e que muitas vezes não coincidem com a realidade das nossas escolas.

Serão apresentadas neste último tema formas de colaboração voluntárias e involuntárias por parte dos alunos na resolução dos conflitos.

As sugestões aqui apresentadas serão baseadas no livro de Gotzens (2003). Serão apresentadas de forma sucinta e maiores esclarecimentos poderão ser feitos com a leitura da bibliografia sugerida.

a) Colaborações involuntárias: os alunos como modelos de comportamento

Pode-se escolher um aluno como modelo para os outros em sala de aula. Para isso é preciso garantir que o aluno escolhido sirva de referência e que os outros reconheçam nele alguém a ser imitado em determinados aspectos. A aprendizagem mediante modelos nunca é neutra, depende do carisma daquele cuja atuação é observada.

Pode-se ressaltar o papel que esses alunos desempenham em sala de aula, porém nunca realçando os aspectos negativos de outros. Desta forma os alunos que atuam como modelos auxiliam o trabalho do professor, sem perceber e contribuindo com o crescimento dos demais.

b) Formas de colaboração voluntária

A base de todas as formas de colaboração voluntária entre alunos e professores é o pacto que estabelecem com propósitos conjuntos na resolução de problemas. Apresentaremos duas formas de colaboração voluntária:

✓ Tutoria:

A tutoria será utilizada como forma de interação individual com o aluno causador de determinado problema. Trata-se de um diálogo entre tutor e aluno, onde serão analisadas as causas e as conseqüências do problema, será feito em sessões e o professor oferecerá ajuda ao aluno e juntos tentarão encontrar soluções para o problema.

A tutoria também poderá ser feita em sala de aula, onde determinado professor fará uma discussão com os alunos a respeito dos acordos estabelecidos ou de determinados problemas com algum aluno e o grupo, todos participarão e opinarão nas decisões tomadas.

Tanto a tutoria individual como a realizada em grupo, possibilitarão a reflexão e aprendizagem de aptidões sociais e códigos de valores, o que acarretará no crescimento pessoal.

c) Os alunos como mediadores na resolução de problemas de comportamento

Sabemos que dependendo da idade e da situação, o reforço dos alunos tem mais valor que o do professor.

Muitas vezes alguns alunos provocam casos de indisciplina apenas para chamar a atenção de colegas, ser aceito ou admirado. Nessa situação o que o professor dizer ou propor não terá muito valor.

O professor necessita nessas situações da ajuda dos outros alunos, o objetivo é que os colegas conscientizem o aluno em questão da necessidade de modificar seu comportamento em benefício próprio e de seu grupo. Para isso é necessário preparo e maturidade da turma.

Com isso pretende-se restabeleça a ordem na sala de aula, crie-se um clima de cooperação entre os alunos e o professor.

d) Proposta de colaboração para a solução dos problemas de comportamento

Vamos apresentar uma proposta de agenda de trabalho em grupo, a qual deverá ser realizada por professores da escola com o auxílio da direção e equipe pedagógica:

- ✓ Primeiro passo, a cargo do professor ou professores envolvidos diretamente na situação de indisciplina a ser analisada. Definir o problema, descrição geral com exemplos concretos da situação. Deve durar em torno de cinco minutos, deve se ter consciência real do problema e não ser um momento para extravasar o nível de desespero do professor.
- ✓ Segundo passo, a cargo do mesmo professor, explicitar os antecedentes do problema, em que momento ocorre, em que lugar, acompanhado de determinado aluno, que atividades o aluno realiza quando apresenta determinado comportamento. Não deve exceder dez minutos de duração.
- ✓ Terceiro passo, a cargo dos demais membros do grupo, detalhar mais o tema anterior em relação aos antecedentes do problema a partir de visões de outros professores, pedagogo, diretor. Observar quando nessas situações o professor obtém êxitos ou fracassos. Também se podem obter informações com o representante dos alunos de como observa essas relações entre o professor e os colegas. Essas contribuições devem ser preparadas anteriormente. Deve durar em torno de 15 ou 20 minutos.
- ✓ Quarto passo, a cargo de todos os membros do grupo. O objetivo é sintetizar as informações e especificar as mudanças que se espera conseguir no comportamento do aluno. Trata-se de especificar os objetivos da intervenção, relativo ao comportamento que se espera do aluno. Essa tarefa será mediada por um dos membros do grupo e não pelo professor diretamente envolvido na situação. Deve durar em torno de 15 minutos.
- ✓ Quinto passo, a cargo de todos os membros do grupo, com um mediador coordenando o trabalho, tem o objetivo de sugerir possíveis soluções ou formas de intervenção para alcançar os objetivos propostos.

- ✓ Sexto passo, a cargo de todos os membros. Criar um plano de ação específico no qual onde constarão os objetivos a serem atingidos, a curto e médio prazo. Onde constarão as modificações necessárias de comportamento de alunos, professores, etc. Neste plano deverá constar as fases, as características da intervenção a ser realizada, nesse ponto a família poderá ser envolvida. Tempo de duração em torno de 20 minutos.
- ✓ Sétimo passo, aplicação do projeto, a duração dessa fase dependerá do tipo de intervenção e das expectativas concretas levantadas na fase anterior.
- ✓ Oitavo passo, a cargo de todos os membros da comissão, servirá para o acompanhamento e avaliação do plano de intervenção. Será feito em encontros breves com duração em torno de 15 minutos, mas com frequência suficiente para identificar possíveis desajustes em relação ao previsto. Esses encontros serão usados para decidir o fim da intervenção, quando o grupo julgar que é possível.

Como já foi ressaltado diversas vezes neste trabalho, aqui foram apresentadas apenas sugestões, que poderão ser adaptadas ou modificadas, conforme a realidade de cada escola.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AQUINO, J. G. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas.** São Paulo: Moderna, 2003.

AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** Porto: LDA, 1992.

FERNÁNDEZ, I. **Prevenção da violência e solução de conflitos: o clima escolar como fator de qualidade.** Tradução de Fulvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2005.

FORTUNA, T. **Indisciplina escolar: da compreensão à intervenção.** In: XAVIER, M.L.(Org).**Disciplina escolar: enfrentamentos e reflexões.** Porto Alegre: Mediação, 2002.

GOTZENS, C. **A disciplina escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento.** Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: 2 ed, Artmed, 2003.

MARCHESI, A. **O que será de nós, os maus alunos?** Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre, Artmed, 2006.

PASSOS, L. F. **A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados.** In: AQUINO, J.G.(Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Moderna, 2003.

PESCUMA, D.; CASTILHO, A. **Projeto de Pesquisa – O que é ? Como fazer?** Um guia para sua elaboração. São Paulo: Moderna, 2005.